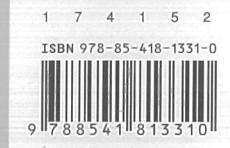




Carminha não quer mais estudar numa escola onde todos os alunos têm mais do que ela: roupas da moda, mochilas superbacanas...

Só há uma coisa que Carminha adora fazer: passear no parque com seu irmão Diogo, com síndrome de Down. E, para sua surpresa, Laura, uma das meninas mais populares da escola, também tem uma irmãzinha com Down.

Juntas, Carminha e Laura vão descobrir um monte de coisas — e Carminha vai entender que ser diferente também é legal. Em todos os sentidos.



Diferentes somos todos

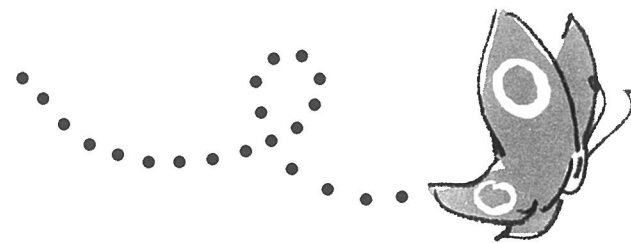
Alina Perlman

ilustrações
Cecília Esteves

Alina Perlman • Diferentes somos todos



**Diferentes
somos todos**



© Alina Perlman, 2005

Gerência editorial Adilson Miguel

Edição executiva Graziela R. S. Costa Pinto

Coordenação editorial Estúdio da Carochinha

Preparação Naiara Raggiotti

Revisão Rosamaria Gaspar Affonso e Marcia Menin

Redação "Mate sua curiosidade" Naiara Raggiotti

Edição de arte Laura Daviña e Natalia Zapella

Iconografia [Pesquisa] Denise Durand Kremer

Produção industrial Alexander Maeda

Impressão Corprint

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Perlman, Alina

Diferentes somos todos / Alina Perlman; ilustrações Cecília Esteves. — 2. ed.
— São Paulo: Edições SM, 2016.

ISBN: 978-85-418-1331-0

1. Amadurecimento (Psicologia) - Literatura infantojuvenil 2. Ética - Literatura infantojuvenil 3. Literatura infantojuvenil I. Esteves, Cecília. II. Título.

16-00105

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição 2005

2ª edição 2016

3ª impressão janeiro 2017

Todos os direitos reservados a

Edições SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo/SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br



sm



- Mãe, eu *preciso* de um celular!
- Pirou, menina? Onde é que eu vou achar dinheiro pra te comprar um celular? A gente tem um telefone público bem aí em frente. Pra que celular?
- É pra eu poder ligar pros outros quando não estou em casa. Pra eu poder me comunicar melhor, ora!



— Pois eu acho que você se comunica muito bem. Qual é o sentido de ligar pros outros quando não está em casa, se quando você não está aqui é porque está com os outros?

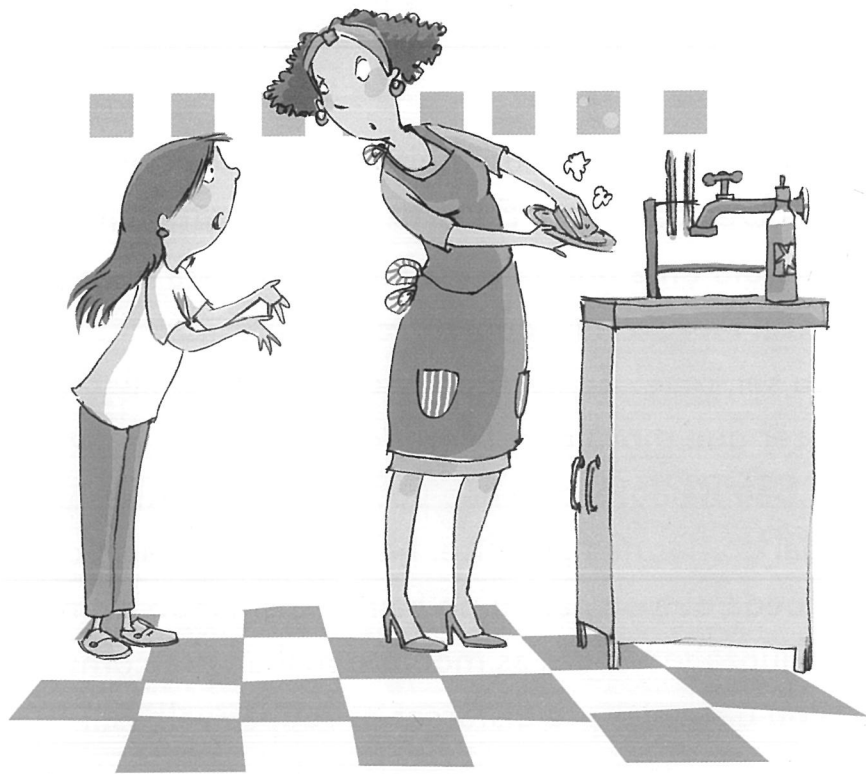
— Você não entende mesmo, mãe! Eu queria ter um celular pra poder... *mostrar* pros outros, é isso! Lá na minha classe todo mundo tem celular. Já tem tanta coisa que eu não tenho... tanta coisa que eu sei que não posso ter... Sabe, mãe, o melhor mesmo é sair dessa escola. Não dá mais pra aguentar.



— A gente já conversou muito sobre isso, Carminha. Graças a Deus e à dona Eduarda, minha santa patroa, que te conseguiu uma bolsa de estudos, você está numa escola excelente. Aproveita a oportunidade, menina!

— Eu sei, mãe! Eu sei tudo isso. Mas tá difícil. Não aguento mais dizer que moro numa fazenda no interior e vivo num flat em São Paulo. E que não posso receber visitas porque o pessoal do flat não permite. Não aguento mais economizar cada moeda que eu ganho no bairro ensinando a ler e escrever. Mesmo juntando todas as moedas, mal dá pra comprar um brinco ou um colar pra disfarçar as roupas velhas...

— Eu te disse várias vezes qual é o jeito de resolver esse problema. Por que tanta vergonha em dizer quem você realmente é? A gente não roubou nada de ninguém. Somos uma família honesta e trabalhadora. É pecado ser simples?

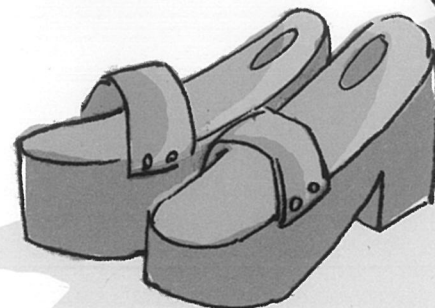


— Não, mãe. Não é pecado. É que o pessoal dessa escola encara a vida de outro jeito. É tudo gente rica, superfina. Gente que mora em bairro bonito, em casarão. Gente que tem carro bacana. Tipo a dona Eduarda. Eles não entendem por que a minha família é tão preocupada com os motoristas de São Paulo que não me deixa nem andar de táxi. E com certeza não entenderiam nunca se eu contasse minha verdadeira história. Quer dizer... entender, eles entenderiam, porque não são trouxas, mas não ia sobrar ninguém pra ser meu amigo!

— Difícil de acreditar, minha filha. Você é bonita, simpática, inteligente...



— Mas não tenho aquela sandália bacana do shopping, não tenho o último CD daquela banda que te falei, muito menos a mochila sensacional que te pedi outro dia, e você quase teve um treco quando soube do preço... Eu me dou mais ou menos com uns e outros meio desligados, mas a galera mais popular, e que é a maioria, não me aceita. Parece que pra eles eu nem existo. Agora imagine se eu contar quem sou...



— Gente! Olha o tênis da Carmem!

— O que é que tem?

— Laurinha, não vá me dizer que não percebeu?

É superbrega! Acho que não tem nem marca!

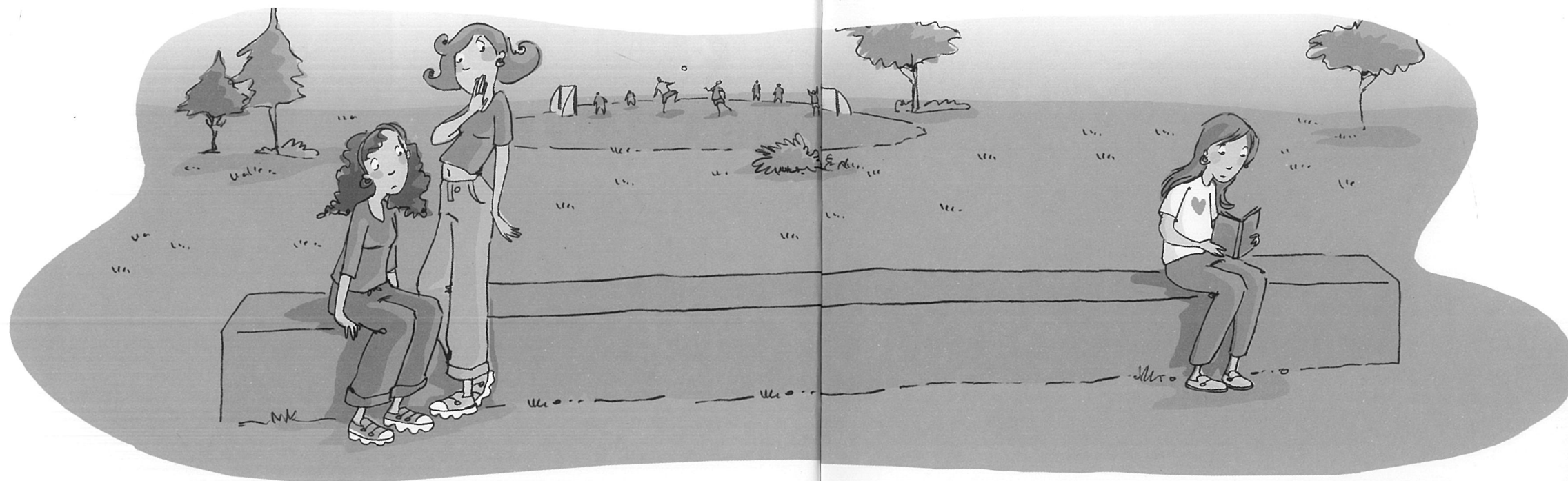
— E daí, Clau?

— E daí? Olhe pra você. Com tênis zero bala, última moda, dizendo “e daí?”. Se ela não tivesse condições, eu até entendia...

— Entendia, é? Pois eu não estou nem aí. Sabe que ela parece ser superlegal? Tô a fim de convidá-la pra festa do Giba no sábado...

— Endoidou? O que é que você sabe a respeito da Carmem que eu não sei?

— Nada, nadinha. A gente nunca fala com ela. Como vou saber?



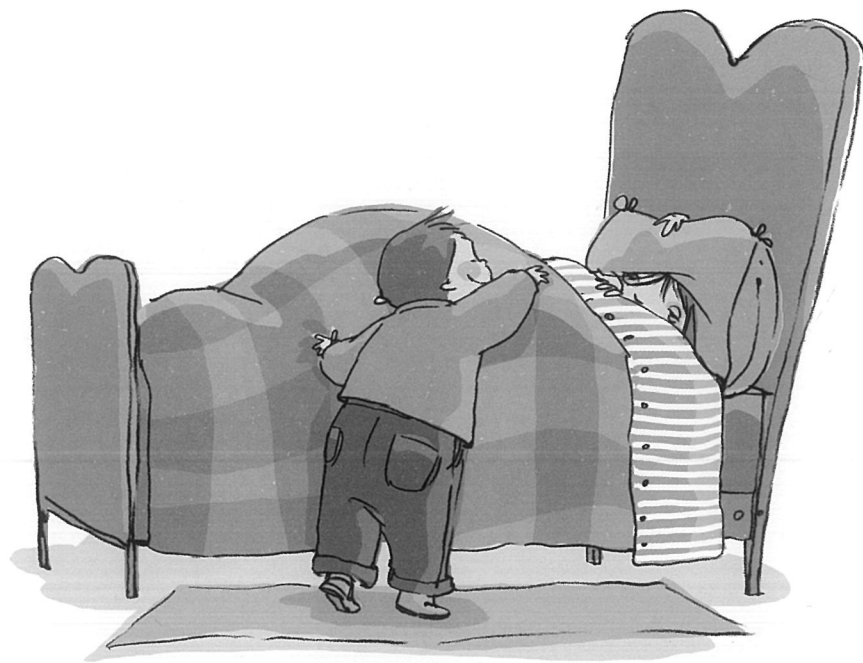
— O que eu sei é que ela tem pais muito pães-duros. Não dão apartamento legal, não dão roupa, não dão dinheiro. Nem celular! A única vantagem de ter pais fazendeiros é que ela pode frequentar nossa escola. E só.

— Que horror, Clau! Até parece que o dinheiro faz tanta diferença.

— Claro que faz. Experimente convidá-la pra festa do Giba. Aposto como vai ficar sozinha num canto. Isso se ela for... Não convide, Laurinha. Você vai deixar a menina num aperto daqueles!

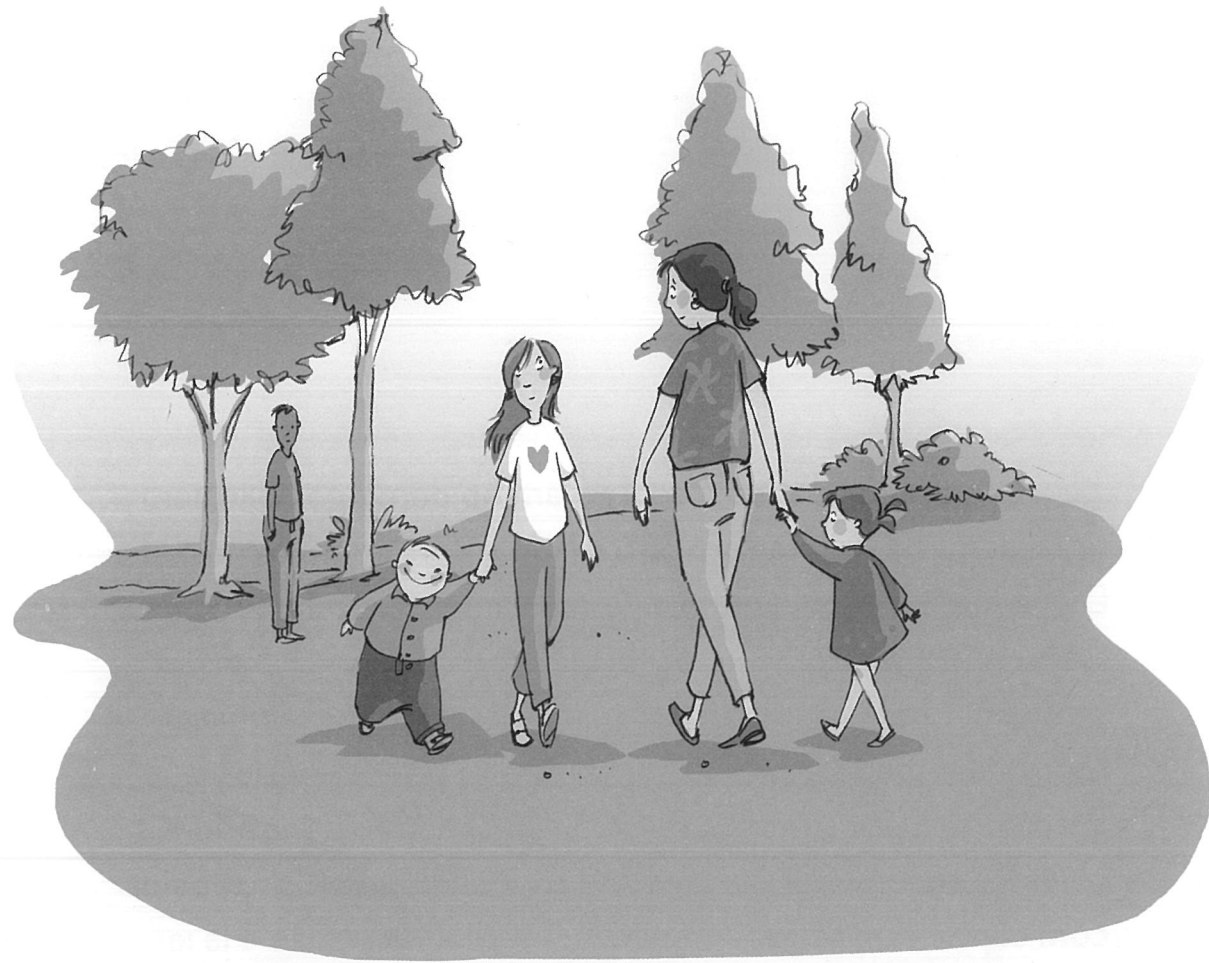


No domingo de manhã, como em todas as manhãs de domingo, Carmem levou seu irmãozinho ao Parque do Ibirapuera. Diogo adorava o parque, adorava rolar na grama, adorava o passeio de ônibus até lá, adorava o lanchinho que ganhava. E, acima de tudo, adorava sair com a irmã. Tinha loucura por ela. Vivia enchendo a menina de beijos e abraços. E a carinha de felicidade dele, todos os domingos de manhã, valia qualquer sacrifício.



Sim, porque quando a acordavam no domingo, Carmem tinha vontade de virar pro outro lado e dormir até o meio-dia. Diogo lhe fazia um carinho e dizia: “Vamos, Carminha! Vamos, Carminha! O parque!”.

E, com um grande suspiro, ela se levantava. Escolhia a roupa com cuidado. A melhor camiseta, o tênis menos detonado, o jeans menos velho. Todo domingo o mesmo cuidado, todo domingo a mesma roupa. Penteava os cabelos com capricho, passava um pouco da colônia da mãe e lá ia ela pro ponto de ônibus. Diogo, ao seu lado, ria sozinho.



Carmem morria de medo de encontrar algum conhecido. De não estar vestida adequadamente, de ter que explicar a presença do irmão em São Paulo. Já era mais do que suficiente ter que encarar o choque dos frequentadores do parque cada vez que um deles batia os olhos em Diogo.

Ela não se conformava. As pessoas agiam como se nunca tivessem visto uma criança com síndrome de Down. A maioria desviava o olhar rapidinho; alguns esboçavam um sorriso, outros pareciam incomodados. Era como se aquela visão atrapalhasse a diversão do domingo. Carmem não sabia se interpretava bem a reação de todos que passavam, mas tinha essa impressão. E, se fosse preciso, seria capaz de defender o irmão com todas as suas forças.

Com essa preocupação, Carmem nem viu Laura se aproximar.

— Oi, Carminha! Por que você não apareceu ontem na festa do Giba? Fiquei chateada!

Carminha deu um pulo pra trás, de tanto susto. Não esperava ouvir a voz tão conhecida da menina mais popular da classe, não imaginava que ela a tivesse convidado *de verdade* pra festa do Giba, não acreditava que ela pudesse encontrar a colega no parque em pleno domingo, vestida super à vontade de jeans e camiseta, e, principalmente, não conseguia acreditar que Laura estivesse segurando a mão de uma garotinha um pouco mais nova que Diogo, com síndrome de Down. Era informação demais pra processar!



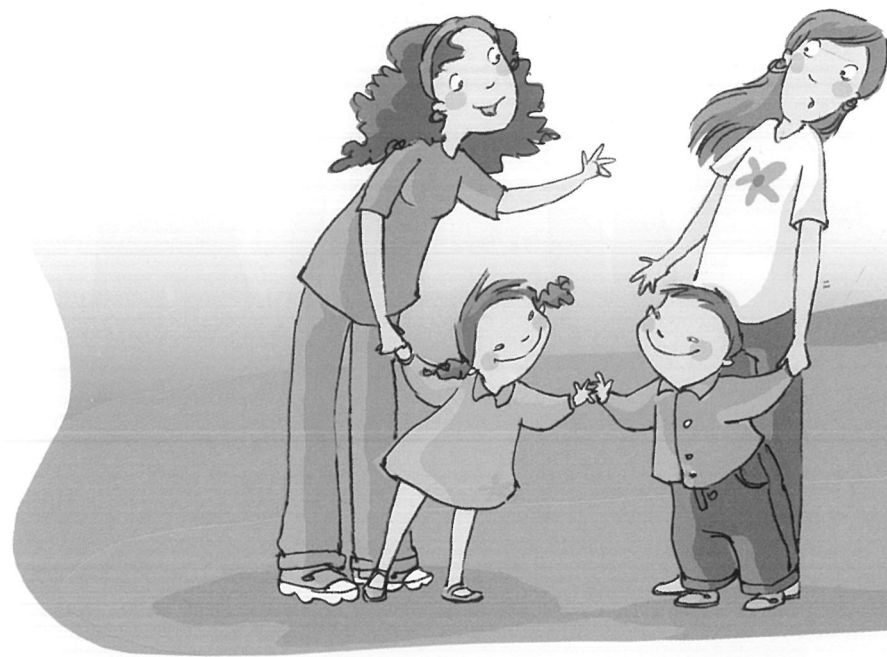
— Ei! Que bicho te mordeu? Diga alguma coisa, Carminha!
Pisque, respire, faça algum movimento!

Carmem tomou fôlego, vagorosamente.

— Laurinha! Por essa eu não esperava!

Laura caiu na gargalhada.

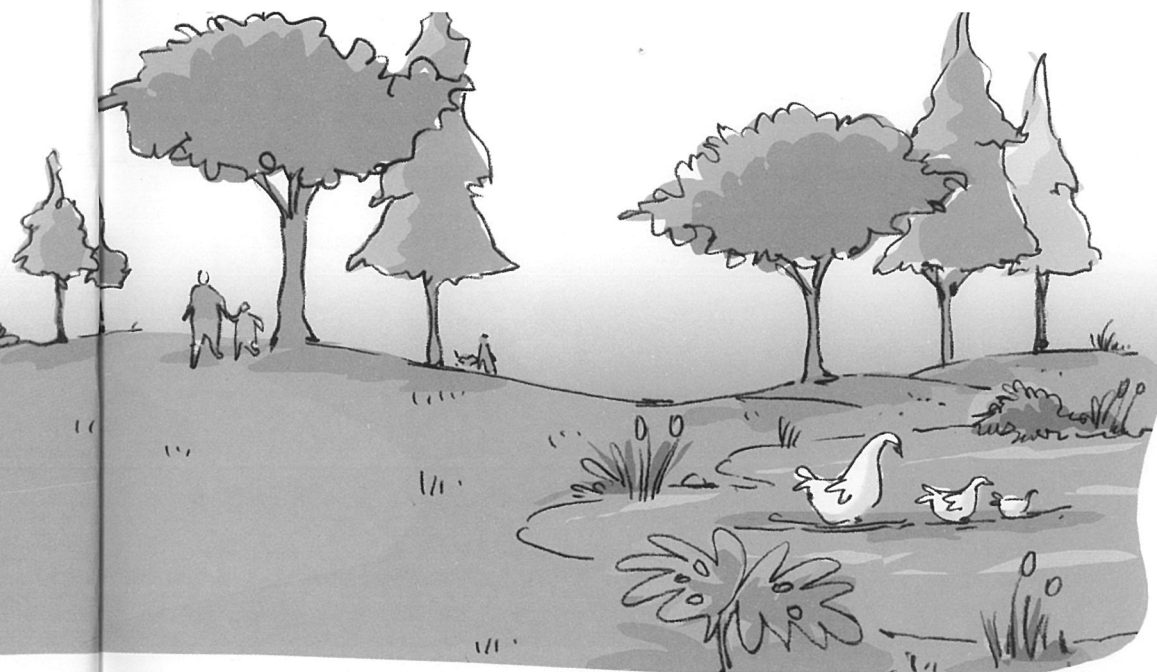
— Não esperava o quê? Encontrar uma conhecida fazendo a coisa mais natural do mundo, passeando no parque na companhia da irmã menor?



— É que eu... é que você... É, talvez seja uma coisa normal, sei lá.

— Escuta, falando em normal, você também tem sempre essa impressão de que as pessoas olham de um jeito gozado para os nossos irmãos?

— Tenho, tenho, sim. É uma mistura de curiosidade, simpatia e pena... eu acho. Eu não sabia que você tinha uma irmã com Down...



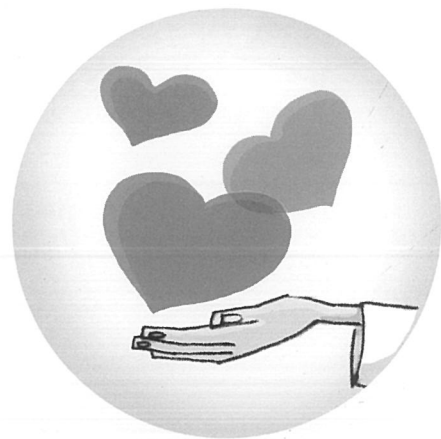
— Pois é... Tem tanta coisa que a gente não sabe uma da outra... Como é na sua casa?

— Como assim? O que tem a minha casa?

Carmem pensava rapidamente no que inventar, mas Laura a desarmava a cada frase.

— Sua mãe aceita bem seu irmão? Sempre aceitou?

— Minha mãe diz que a gente deve aceitar o que Deus manda. Que Ele sabe o que faz. Que as crianças especiais são escolhidas para viver com famílias especiais, famílias que têm força para cuidar delas com o carinho e o respeito que elas merecem.



— Que lindo! Se a metade do que você disse for verdade, teria sido superbom se minha mãe tivesse batido um papo com a sua.

— Claro que é verdade! Eu ia mentir pra quê?

E imediatamente Carmem se arrependeu da frase que havia acabado de dizer. Afinal, essa era a única verdade sobre sua família que ela tinha dito.



— Desculpe. Não quis ofender. É que... minha mãe levou um tempão pra começar a aceitar a Gabriela. Meus pais passaram por um período de dúvidas e uma certa tristeza no olhar que levou mais de ano. Não se conformavam em ter tido uma criança tão diferente. Não olhavam pra ela, não pegavam a nenê, não brincavam, não faziam carinho... Minha mãe chorava o dia todo. Meu pai ficava mudo, num canto. Sofreram pra caramba. Quase não ligavam pra mim. Só se desesperavam com o que tinha acontecido com eles. Depois de um ano, um ano e pouco, começaram a se acalmar, a voltar pro mundo. Aceitaram ver uma psicóloga, e ela disse que a reação deles era normal e compreensível. Devagar eles foram se fortalecendo e começaram a entender a Gabi como a criança fofa que ela é e a me enxergar novamente... Nossa! Eu falei muito. Eu nunca contei isso pra ninguém!



— Nem pra Cláudia?

— A Clau seria a última pessoa do mundo pra quem eu contaria. Quando ela vem em casa, faz de conta que a Gabriela não existe. Eu fico louca da vida. Só que minha mãe e a mãe da Clau são amigas de infância... Seu irmão deve adorar morar na fazenda com seus pais, não? Deve ser bem melhor do que o Parque do Ibirapuera!

Carmem, ainda sob o impacto do relato de Laura, não resistiu e revelou toda a verdade a ela.

— Laura, pode ser que você nunca mais fale comigo, mas eu me sinto uma impostora. Não dá mais pra segurar... Tudo o que vocês na escola sabem de mim é mentira. Eu moro em São Paulo, na periferia, num apartamento superpequeno. Não tenho fazenda, não tenho dinheiro, não tenho condição de comprar roupa bonita. Só frequento a mesma escola que você porque tenho uma bolsa de estudos que a patroa da minha mãe, a dona Eduarda, conseguiu. E tenho que estudar muito pra não perder a bolsa. Nunca contei nada porque achava que não ia ser aceita, mas percebi que não sou aceita nem com as mentiras que contei. Não tenho celular nem tênis de marca, ando de ônibus, nunca posso convidar ninguém pra ir lá em casa. E não saio com os colegas porque não tenho grana pra pagar cinema nem coisíssima nenhuma. Nossa! O que deu em mim? Pronto. Chutei o pau da barraca. Pode ir embora que eu vou entender.

— Embora por quê? Que bom que você confiou em mim, mas... que pena que achou que precisava armar essa confusão toda pra não ficar sozinha. Seu irmão frequenta alguma escola?

— Não... O Diogo é bem esperto, mas escola custa caro, ele não tem condição de ter bolsa, e a escola pública do bairro não aceita crianças como ele. Diz que não está preparada, que não tem material, que os professores não sabem lidar... Dá pra aguentar? Morro de pena do Diogo. Ele é capaz de aprender um monte de coisa. Tenho ensinado a ele ler e escrever, e não é que o malandro está aprendendo? Não é mesmo, meu amor?



Diogo abriu o maior sorriso e encheu a irmã de beijos. Gabriela aproveitou a demonstração de amor, puxou a blusa de Laura para baixo, inclinando a irmã, e a abraçou com força.
— Amor da minha vida! Você é muito querida, Gabi!

Depois dos muitos beijos e abraços, Laura disse:

— A mamãe falou que a Gabi vai pra uma escola especial, uma escola só pra quem tem Down. Meus pais acham que assim ela vai estar mais protegida. Eu até achava que ela devia ir pra nossa escola, mas nunca vi ninguém com qualquer tipo de deficiência frequentando as aulas lá. Você já viu?

— Não, nunca. Ai! Tá ficando tarde. Tem um ônibus saindo daqui a pouco. Preciso ir. Nem olhei no relógio, nem comprei lanche pro Diogo. Nosso papo me fez esquecer o tempo...

— Laurinha! Carminha! Olhem! A gente sabe voar... — Diogo e Gabi corriam de um lado para o outro.

— Vem, Gabi! Vamos brincar de super-homem! — gritava Diogo, chamando a amiga.

— Acho que o Diogo nem vai se importar com a falta do lanche. Olha ele e a Gabi rolando no gramado! Você quer carona? Meus pais já vêm me buscar e...

— Não, obrigada. A gente se vê amanhã na escola. Vamos, Dioguinho! Ih, vai ser complicado separar esses dois...



Laura e Carmem se viram rapidamente ao chegar à escola na segunda-feira e trocaram um olhar de cúmplices. Na hora do recreio, Laura convidou Carmem pra se juntar ao seu grupo, mas a outra agradeceu, recusando.

— Tenho que terminar uma lição de geografia.



— Então a gente se vê na saída.

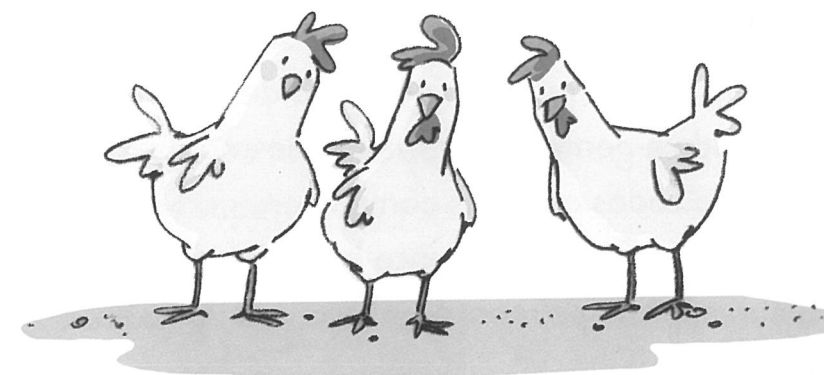
Cláudia não se conformava.

— Laurinha! Não estou entendendo. Primeiro convida a menina pra festa do Giba... Aliás, ela fez bem em não ir. E essa agora de convidar a menina pra lanche com a gente? Me pergunta se eu quero... Ainda bem que ela se enxerga e não aceitou.

— Clau! Você está passando dos limites. Vou convidar de novo e de novo, até ela dizer sim. E, se você não gostar, não precisa ficar por perto!

— Puxa, Laurinha! Minha melhor amiga me tratando assim? Tudo bem. Se você quer dar uma de excêntrica, acho que é essa a palavra que minha mãe gosta de usar, e ter uma amiga diferente da gente... até pode ser interessante.

— Deixa de ser fresca, Clau. Eu quero, sim, que a Carminha seja nossa amiga, mas ela tem que ser aceita do jeito que ela é. *Todo mundo é diferente*. Na cor dos olhos, no formato do rosto, no tamanho do corpo, no jeito de ser, na cor da pele. Uns gostam de estudar, outros não; uns são bons em esporte, outros gostam de ler. Uns mancam, outros gaguejam; uns são mais lentos, outros...



— Chega! Já entendi. Vou tentar ser legal com ela. Mas imagino que a gente não tenha muito papo. Tenho a impressão de que o mundo dela é outro e de que essa tal fazenda que ela diz que a família tem não passa de um sitiozinho bem fuleiro, com duas vacas e três galinhas...

— E se for assim? O que muda no jeito dela?

— Já ouviu falar em “classe”, amiga? É tudo uma questão de “classe”.

— Clau, por que você não guarda sua opinião pra você, hein? Tá duro aguentar as suas diferenças.

Depois de vários desencontros, alguns casuais e outros um pouco propositais, Laura, Carmem, Diogo e Gabriela se encontraram no parque num domingo de manhã.

— Complicado a gente se ver, não é mesmo, Carminha? Você diz não pra todos os meus convites...

— Ah, Laurinha. Eu não me sinto bem no seu grupo. É que a Cláudia, principalmente... Deixa pra lá, eu sei que ela é superamiga sua.



— Esquece a Cláudia. Eu me dou com quem eu quiser, e, se ela não gostar, que vá procurar outra turma. Não estou nem aí. Além do mais, a Clau é a Clau e o grupo é o grupo. Ou você acha que eu só ando com gente de nariz empinado? Eu tenho amigos superlegais, viu? Você é que não dá chance pra ninguém! Aliás, o Toni é que ia adorar uma chance... ele vive suspirando por você... Mas vamos mudar de assunto que tem coisa mais séria pra conversar.

— Tipo o quê?

— Eu andei pensando sobre as escolas pros nossos irmãos. Apesar de entender que meus pais queiram proteger a Gabi e que, no fundo, quem decide o que é melhor para seu filho é a família, você não acha que a nossa escola devia aceitar qualquer criança? Que pra elas ia ser melhor, mais natural?

– Eu acho. Acho mesmo. E acho até que ia ser ótimo pra quem não tem nenhuma dificuldade em saber que o mundo é maior e mais complexo do que se imagina!

– A gente podia fazer o seguinte: eu pergunto na nossa escola se eles aceitariam uma criança com síndrome de Down, e você também pergunta na escola do seu bairro. Se precisar, fazemos uma campanha, procuramos mais gente que pensa como nós e tentamos convencer diretores e professores!

– Topo! No próximo domingo, a gente se encontra pra saber o que aconteceu com cada uma. Aliás... que Toni?! Aquele loiro de cabelos encaracolados?



No domingo seguinte, as meninas se reencontraram.

— Você não me escapa, Carminha. Vou insistir até você aceitar passar o recreio com meus amigos.



— Tá legal. Um dia eu vou. Tenho uma ótima notícia pra te dar. Fui lá na escola perto de casa e levei o Diogo comigo. Em dois minutos, ele conquistou a diretora. Em cinco minutos, estava no colo dela. Usei todos os meus argumentos. Disse que, se a escola abrisse vaga para crianças com Down ou outras deficiências, todo mundo ia sair ganhando. Que essas crianças têm o mesmo direito de aprender que as outras, que o fato de serem mais lentos não significa que não tenham condições.

— Falou bonito!

— E tem mais. Eu disse que não tenho dúvida de que os outros alunos iriam participar, ajudando, acolhendo, incentivando. A diretora prometeu levar o assunto pra reunião deste fim de semana e que, se fosse necessária a minha presença e a do Diogo na próxima reunião, pra tentar convencer os professores, ela iria me chamar.

— Parabéns, amiga!



— Eu não terminei... Ela me explicou que precisaria de material especial e mais gente trabalhando na escola e que achava que a comunidade certamente faria campanha e doações. Já estava sonhando alto antes mesmo da aprovação em reunião. Estou muito animada. Conte pra minha mãe, ela amou a ideia e me deu um abraço bem gostoso! E você? Conseguiu alguma coisa?

— Porcaria nenhuma. Falei com o professor Leopoldo, nosso tão estimado diretor, usei mais ou menos os mesmos argumentos que você, mas ele foi categórico: “Criança com Down atrapalha o desenvolvimento das outras crianças. As escolas especiais estão aí pra isso!”.

— Você levou a Gabi?

— Nem pensar! Minha mãe ficaria muito chateada. Ela não gosta de expor a Gabi. Sabe o que ela me contou? Que a amigona dela de infância, a mãe da Cláudia, falou uma vez pra ela nem sonhar em colocar a Gabi na escola, que ia constranger os alunos, que ia nivelar a escola por baixo! Você acredita? Adulto pode ser bem preconceituoso. E egoísta. Afinal, é fácil fazer de conta que as crianças deficientes não existem. É tão mais fácil se fazer de desentendido!

— E a lei? O que diz a lei?

— Não sei... mas é uma boa tentar descobrir. Vou hoje mesmo fazer uma pesquisa na internet.

— Legal. E agora é bom levar esses queridinhos pra tomar um suco, que o calor está bravo!



No domingo seguinte, as meninas se encontraram novamente no parque. Diogo e Gabriela, como dois velhos amigos, se deram as mãos, caminharam até um tanque cheio de areia e começaram a brincar. Enquanto isso, as meninas dispararam a comentar suas descobertas.

— Eu descobri que, se a escola é para todos, quem tem necessidades especiais tem o direito de frequentar a mesma classe que os outros. E tem direito à mesma qualidade de vida!

— Legal! E eu descobri que existe uma lei federal que diz assim: “Nenhuma escola pode negar matrícula ou recusar o acesso de criança ou adolescente especial”. E “especial” pode ser aquele que tem Down, que escuta pouco ou nada, que enxerga pouco ou nada, que não consegue caminhar. Tem que ter professor treinado para ajudar, tem que ter material, carteiras e banheiros adaptados às necessidades deles. E a escola que rejeitar o aluno especial pode ser denunciada, sabia?





— Pois é, Carminha! Ultimamente tem muita gente discutindo esse assunto. Pelo que vi, é algo que chamam de inclusão social.

— É isso aí! Eu também li sobre a inclusão, e fiquei tão empolgada que, quando percebi, estava anotando os títulos de livros que tratam do assunto e os nomes dos escritores.

— Eu anotei vários sites que discutem inclusão, mostram pesquisas e trabalhos. É bom saber que existem pessoas batalhando pras coisas mudarem!

— Será que é bobagem a gente levar tudo isso pro professor Leopoldo? Será que ele vai nos ouvir? Será que a gente devia entrar em contato com alguém que conhece bem o assunto e marcar pra ir junto com a gente falar com ele?

— Sabe o que eu acho? Que a gente podia falar na classe a respeito disso. E tentar reunir um grupo de alunos que ajude a mudar o jeitão da escola de encarar as diferenças!

— A gente deveria é falar primeiro com os pais dos alunos. Eles são os mais complicados...



— Laurinha! Carminha! Vamos brincar?

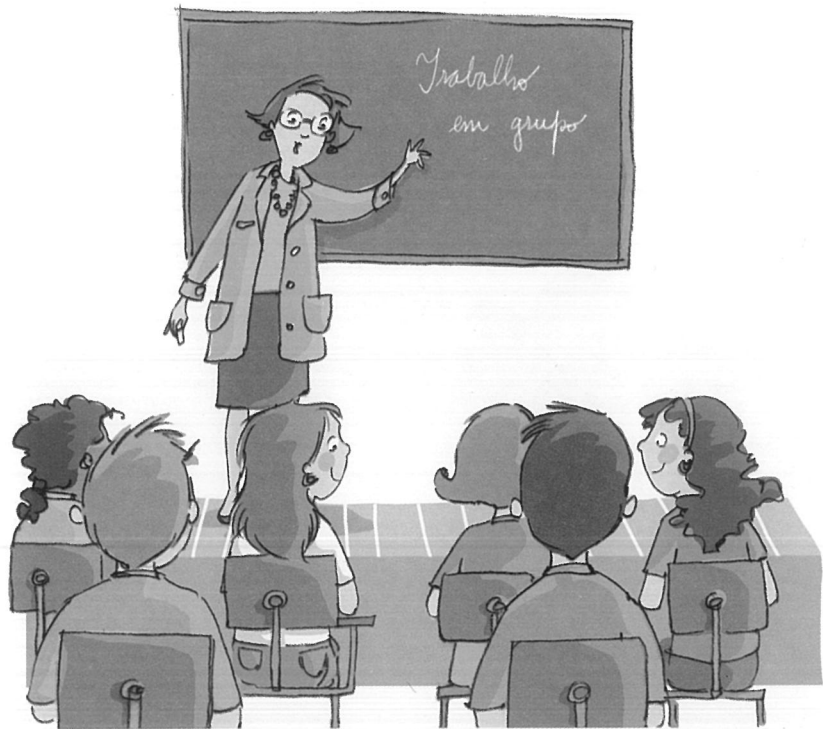
— Do que vocês estão brincando? — quis saber Carminha.

— De fazer bolinhos de areia... — respondeu Diogo.

— Quero fazer um castelinho, Laurinha! — disse Gabriela, entusiasmada.

As meninas se sentaram na areia com Diogo e Gabriela e se esqueceram da vida por várias horas...

No dia seguinte, a professora de português pediu aos alunos que elaborassem trabalhos para serem exibidos no teatro no dia da reunião de pais e mestres. Ela explicou que os trabalhos — sobre qualquer tema de interesse geral — poderiam ser em duplas ou em grupos de até cinco pessoas.



Laura e Carmem tiveram a mesma ideia quase que imediatamente e nem precisaram falar. Só se entreolharam, já pensando em formar uma dupla, com tema decidido.

Cláudia, logo em seguida, disse, olhando para a turma:

— Eu e a Laurinha queremos saber se mais alguém quer fazer o trabalho com a gente.

— Desculpe, Clau, mas dessa vez eu vou fazer uma dupla com a Carminha.

— Mas vocês nem se falaram! Ah, acho que estou entendendo. Parece que minha melhor amiga arrumou *outra* melhor amiga. Quer saber? É bom que você não se arrependa, Laurinha, porque eu estou cheia! Vou me arranjar sem você, rapidinho. Vai! Vai depressa se encontrar com a nova amiga. Quem sabe ela te empresta algum dia aquela saia supertransada que ela está usando hoje. E tchau mesmo, que eu morro de medo de que breguice seja contagiosa!

Laura se aproximou de Carmem, sem olhar para trás, e a convidou para almoçar.

— Não posso, Laurinha. Minha mãe ficaria superpreocupada, e eu não tenho telefone para avisá-la. Ah, venha você almoçar na minha casa. Quer dizer... se você não se importar com comida bem simples numa casa bem simples.

— Até parece que você não me conhece! Vou ligar pra minha mãe e te encontro na saída! Esse trabalho caiu do céu, você não acha?



– E agora? Por onde começar?

– Humm... A ideia de comentar na classe sobre síndrome de Down pra saber o que pensam nossos colegas está descartada. A turma vai estar ocupada com seu próprio trabalho.

– E entrar em contato com os pais de alunos como a gente tinha imaginado, de jeito nenhum. Temos que surpreender todo mundo no dia da apresentação... mostrar pra eles um fato sobre o qual quem não está envolvido nem pensa.



– Perfeito! Mostrar o fato e apresentar um possível caminho...

– A gente vai ter que ler todos os livros da sua lista.

– E entrar em todos os sites do seu computador.

– E falar da lei...

– E conversar com quem trabalha direto com jovens especiais e inclusão... Não vai ser fácil...

– Carminha! Eu sei quem pode nos ajudar!

A otorrinolaringologista da Gabi é muito legal. Ela atende algumas crianças com Down, conhece escolas, professores, e mora bem pertinho de casa!

– Boa! Dá pra ir até lá amanhã?

A doutora Mônica ficou superentusiasmada com o tema do trabalho das garotas. Contou um monte de coisas a respeito da profissão de otorrinolaringologista, encaminhou-as para outros profissionais, indicou várias escolas. E fez mais. Propôs-se a ser uma conselheira, a ajudar a montar o trabalho com elas. Deu a maior força!

As meninas deram duro, leram, pesquisaram de montão, visitaram uma escola especial e também duas escolas que já trabalhavam com inclusão.



Imaginaram até uma entrevista com o professor Leopoldo para colocar no trabalho uma escola comum que não tinha alunos com deficiência, mas desistiram. Afinal, elas não queriam briga, queriam compreensão. E nota, claro! Por que não? Filmaram, tiraram fotos, gravaram depoimentos.

Tiveram a ideia de levar os irmãos para assistir à apresentação e, graças aos contatos da doutora Mônica, poderiam mostrar a grande sensibilidade das crianças com síndrome de Down, que elas conheciam tão bem.

Levaram uma menina que dançava divinamente, um rapaz que tocava piano superbem, um pintor e uma garota que fazia velas artesanais, para que esses jovens mostrassem seus dons artísticos.



Ao ouvirem seus nomes pelo microfone, convidando-as a subir no palco do teatro, as duas meninas respiraram fundo. Se o que se propunham fazer não desse certo, elas, ao menos, iam levar as pessoas a pensar.



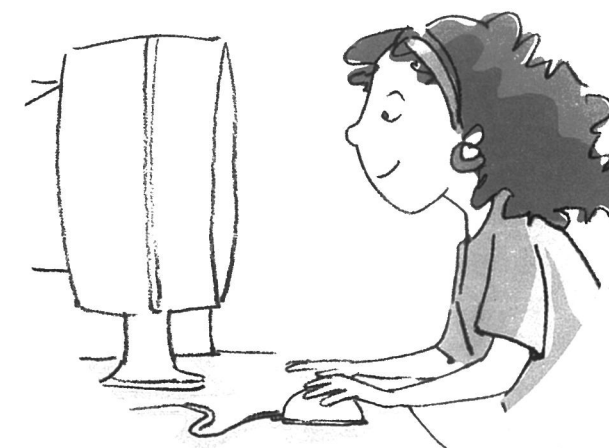
Terminada a apresentação, fez-se um silêncio impressionante. Impressionante e longo. Então, a mãe de Carmem se levantou e começou a aplaudir. O pai de Carmem fez o mesmo. Depois foi a vez de Diogo. Seguido por Gabriela. E por seus pais. Pouco a pouco, o público que lotava o teatro foi se levantando e aplaudindo, inclusive os colegas, os professores, o professor Leopoldo, a doutora Mônica, a dona Eduarda, convidada de honra de Carmem. Cláudia não se levantou em protesto à traição de sua amiga, mas sentiu um nó na garganta que ela não pôde evitar. De todo modo, o resto do grupo de Laura se levantou em peso. E Toni era o que mais aplaudia.

As garotas não conseguiam, de lá de cima do palco, distinguir os muitos olhos cheios de lágrimas. E ficaram, assim, meio sem graça, meio emocionadas, olhando para as pessoas. Em compensação, os artistas que elas trouxeram para se apresentar reagiram aos aplausos sorrindo, agradecendo, mandando beijos, se inclinando, felizes com o reconhecimento do público.



O resultado dessa empreitada de Laura e Carmem?
Ainda não se sabe, mas tanta gente pareceu ser tocada que
as duas amigas se consideraram vitoriosas!

Saíram abraçadas, prometendo, uma à outra, amizade eterna.
Para comemorar, foram tomar sorvete com Diogo e Gabriela.



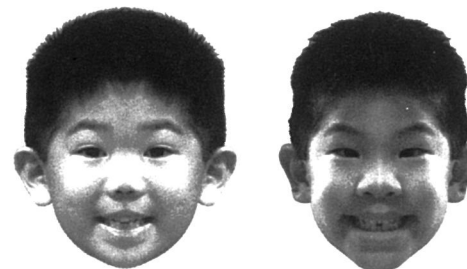
O elefante tem tromba. A girafa tem pescoço comprido. A formiga é bem pequenininha. E o ornitorrinco, nem se fala... tem uma cara que é só dele...

Todo mundo é mesmo muito diferente. Basta olhar para os animais. Cada um do seu jeito, eles formam uma grande comunidade onde todos têm o seu espaço e vivem como querem, sem prejudicar o outro. A tartaruga anda bem devagar, mas isso não incomoda o guepardo, um dos bichos mais rápidos do mundo; os peixes nadam muito bem, mas não sabem voar; os pássaros voam, mas só alguns sabem nadar... e nem por isso um fica chateado com o outro. Ninguém nunca ouviu falar que a girafa tivesse brigado com o elefante por achá-lo fora do peso, ou que a formiga tivesse criticado o casaco afiado do porco-espinho... Afinal, tudo na natureza é legal por ser bem diferente!



E não é só na turma da bicharada que todo mundo é diferente. Nós, os seres humanos, somos muito, mas muito diferentes! Brancos, negros, magros, gordos, de cabelos lisos, encaracolados, ruivos, com sardas, com síndrome de

Supertock



lado esquerdo

lado direito

Down, sem cabelos, com os pés grandes, com dedos tortos, cegos, com as pernas tortas, surdos, com aparelho nos dentes, mudos, rápidos, com óculos, lerdos, com tiques... A lista é longa.

E as diferenças começam bem pertinho da gente. É só se olhar no espelho! Você já reparou que nem mesmo o seu corpo tem dois lados iguais?

As fotos que você vê ao lado são do mesmo rosto. Mas foram trabalhadas de modo diferente no computador: ora só com o lado esquerdo, ora só com o lado direito. Isso prova que não somos simetricamente iguais — se fôssemos, ambas as fotos seriam idênticas.

Sabia que há crianças que nascem bem parecidas? Os olhinhos são meio puxados, os dedinhos das mãos e dos pés são menores, a língua é grande, e costumam ser muito alegres e carinhosas. São crianças que nascem com síndrome de Down.

Isso acontece porque, quando estavam na barriga da mãe, houve uma combinação diferente das informações que vieram do papai e da mamãe. Por isso, as crianças com síndrome de Down se parecem umas com as outras. E sabe de uma coisa? Elas não crescem. Quer dizer, o corpo cresce, mas elas continuam um pouco crianças, sempre.

Na escola, elas também são muito inteligentes, mas aprendem números e



Lauren Shear/SPU/Stock Photos

letras em outro ritmo. E adoram aprender com música! Você já pensou que essa é uma outra forma de aprender?

Se a gente pudesse dar um nome legal para essas crianças, ele seria “crianças

Era uma vez uma manada de porcos-espinhos. Eles viviam felizes até a chegada de uma grande era glacial, que cobriu a Terra de gelo. O frio era intenso, e os porcos-espinhos não tiveram alternativa a não ser se aproximar e ficar bem juntinhos, tentando se aquecer. Mas o frio aumentava a cada dia, e os porcos-espinhos se aproximavam mais e mais, até que começaram a se machucar com seus espinhos.

O tempo passava e a neve não parava de cair, mas os porcos-espinhos não aguentavam a dor das picadas dos espinhos e decidiram se separar. Tentaram

Peter Pan”, já que elas não querem crescer. Guardam no coração a doçura e a ingenuidade da infância.

Temos muito a aprender com elas, você não acha?



se proteger como podiam, mas alguns acabaram morrendo.

Os outros então entenderam que era preciso se unir para sobreviver, tomando cuidado para não se machucar nem machucar o vizinho.

Afinal, conviver é respeitar o limite e a diferença do outro!

História inspirada em uma fábula de Arthur Schopenhauer, filósofo alemão que nasceu na Prússia em 1788 e morreu em 1860.

A autora

Alina Perlman nasceu em São Paulo, estudou línguas e atuou na área de informática. É autora de mais de quarenta livros, alguns premiados. Além de escrever, participa de diversas atividades relacionadas à literatura infantojuvenil.

A ilustradora

Cecília Esteves nasceu em São Paulo. Formada em Arquitetura, estudou animação na França e trabalhou em estúdios de animação na Europa. Faz ilustrações para livros e desenvolve trabalhos para agências de publicidade, estúdios de design e editoras.

FONTE Brandon Grotesque

PAPEL Offset 120 g/m²